

'Mundo Novo', uma aula de geopolítica nas telas cariocas

PÁGINA 3



Makely Ka fecha trilogia que repensa o Brasil

PÁGINA 4



PMB homenageia Tim Maia e premia músicos nesta 4ª

PÁGINA 5



## 2º CADERNO



Divulgação

Anna Bella Geiger reúne trabalhos inéditos da fase inicial de sua carreira

Exposição reúne no Sesc Copacabana trabalhos que levam o espectador à gênese do universo criativo de Anna Bella Geiger

# As primeiras abstrações

O Sesc Copacabana inaugura nesta sexta-feira (14) a exposição "Anna Bella Geiger – Entre o Relevo e o Recorte", mostra inédita que mergulha no universo multifacetado de Anna Bella Geiger, uma das mais influentes artistas brasileiras do século 20. Com uma abordagem inovadora, a mostra destaca os primeiros passos da artista no mundo das artes visuais, explorando sua jornada desde a juventude até o surgimento de sua assinatura artística

reconhecida mundialmente.

Celebrando não apenas os 91 anos de vida da artista, mas também os seus 75 anos de contribuições nas artes visuais, a mostra apresentará 29 trabalhos fundamentais que datam da década de 1960, especificamente no período entre 1960 e 1966. Destacando-se a obra Sem título, de 1961, vencedora do 1º Concurso Interamericano de Grabado, na Casa de las Americas, em Havana, no ano de 1962.

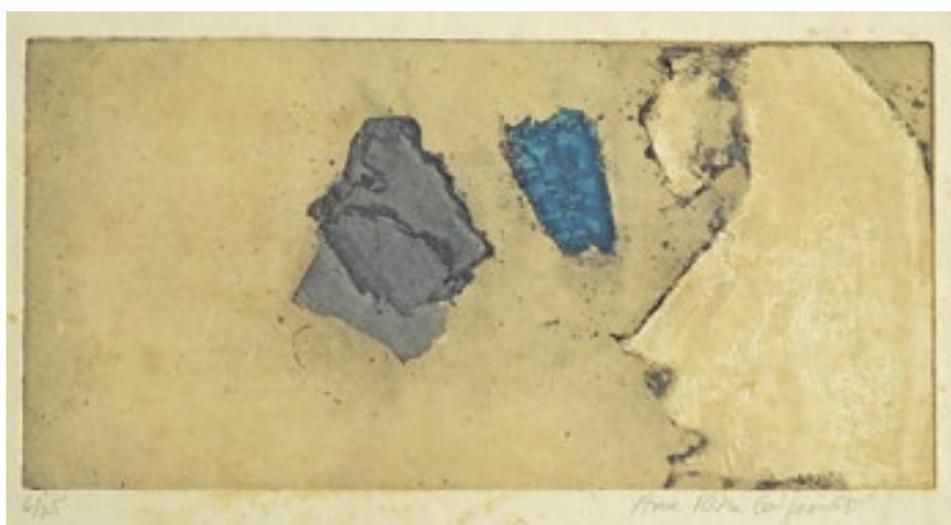
A mostra oferece uma visão privilegiada da evolução artística de Anna Bella Geiger. Reunindo uma coleção ímpar

de obras, a exposição apresenta uma faceta da artista que muitos ainda não conhecem — uma jovem artista experimental. Embora tenha alcançado renome como gravurista e pioneira na videoarte brasileira, Geiger iniciou sua trajetória artística em uma fase abstrata, explorando o suporte da gravura de maneira não convencional.

A individual é realizada pela Agência Deltas e produzida pela Atelier Produtora, e conta com a curadoria de Ana Hortides. A mostra foi contemplada pelo Edital de Cultura Sesc RJ Pulsar 2024.

Continua na página seguinte

# A subversão da técnica sempre presente



Anna Bella Geiger em seu atelier no ano de 1968; Já nos anos 1960, a concepção da artista sobre a arte abstrata começa a se radicalizar, assumindo recortes e relevos na sua composição

Divulgação



“**A**нна Bella Geiger - Entre o Relevo e o Recorte” destaca especificamente a fase inicial da artista como gravurista, revelando a sua ousadia ao desafiar as convenções do meio. Um aspecto crucial da exposição é a exploração da técnica de recorte da chapa de metal da gravura, uma prática não usual na época, que sinalizava a direção de suas futuras experimentações.

Com a subversão da técnica sempre presente, Anna Bella se utilizava da chapa de metal da gravura como suporte para experimentação, cortando-a, o que era inimaginável para a produção gráfica do período. A ousadia da sua poética pode ser percebida ao vislumbrarmos as suas obras com o passar do tempo. As formas gráficas começam a se soltar do retângulo da chapa de metal, ganhando novos contornos e promovendo novas discussões dentro do campo da própria arte.

“Anna Bella Geiger é uma artista plástica e professora pioneira no campo da gravura e da videoarte brasileiras. A mostra é uma homenagem ao seu importante legado, revelando os seus primeiros trabalhos e experimentações em gravura, enquanto ainda

uma jovem artista, parte pouco conhecida e explorada de sua obra. Na mostra, o público poderá ver trabalhos em desenho e gravuras que marcaram o início da sua carreira, muitos deles nunca antes expostos”, comenta Ana Hortides, curadora da exposição.

A partir da mostra, o público terá a oportunidade de conhecer e se aproximar não apenas da produção gráfica da artista, mas também do contexto histórico e das influências que moldaram sua trajetória singular. Desde seus estudos iniciais no ateliê de Fayga Ostrower até sua experimentação pioneira de técnicas de gravura que desafiaram as convenções da época.

“Lembro-me bem de quando cheguei a uma compreensão mais plena e profunda dos princípios abstracionistas na minha própria obra em meados do ano de 1952. Estávamos num momento cultural em que alguns e algumas de nós, artistas, vínhamos buscando, individualmente, radicalizar essas transformações, fosse aqui no Brasil, como internacionalmente”, recorda Ana Bella.

“Naquele turbilhão de ideias, comecei a encontrar soluções próprias, individuais, em meus desenhos, guaches e gravuras abstratas. Nessa época, alguns de nossos pioneiros na



área gráfica, como Osvaldo Goeldi, Lasar Segall, Lívio Abramo, inclusive a própria Fayga Ostrower até então, eram artistas figurativos, não viam o mundo somente do ponto de vista estético, mas sim sob os seus aspectos sociais e humanos. Havia um conflito, um

verdadeiro tabu, na questão da eliminação da figura humana na Arte. As desavenças eram profundas, e, no Brasil, ainda tínhamos uma questão extra-artística, como a do regionalismo ou do realismo”, contextualiza a artista.

A abertura da exposição contará com uma visita guiada e conduzida pela própria artista e curadora. No dia 3 de setembro, será lançado o catálogo da individual, seguido por uma palestra que contará também com a participação de Anna Bella Geiger.

## SERVIÇO

### ANNA BELLA GEIGER - ENTRE O RELEVO E O RECORTE

Galeria do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

De 14/6 a 8/9, de terça-feira a domingo (10h às 19h)

Entrada franca

ENTREVISTA / ALVARO CAMPOS, CINEASTA E QUADRINISTA

Divulgação

# 'Aumenta-se ainda mais a aversão ao risco'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**N**uma sessão por dia, sempre às 17h30, no Estação NET Rio, "Mundo Novo" vem dando uma aula de geopolítica imperdível ao circuito exibidor carioca. Classificado ao fim de sua projeção na Première Brasil como "uma mistura de Éric Rohmer com Milton Santos", a produção foi filmada com um orçamento equivalente ao preço de um carro. Mas, na arte, custo não é documento.

Mesmo com todas as dificuldades que teve para sair do papel, o longa-metragem foi encarado como "a" descoberta da seleção nacional competitiva do Festival do Rio de 2021, do qual saiu com dois troféus. Ganhou o Redentor de melhor atriz, que coroou a estupenda atuação de Tati Villela, e com o de melhor roteiro, confiado a seu elenco e a seu realizador, Alvaro Campos. Ele partiu da premissa de entender o que sobrou do RJ com a covid-19, a partir de uma mirada P&B.

O diretor e quadrinista é o realizador dos filmes "Altas Expectativas", com Pedro Antônio Paes, e do nevrálgico .doc "Tá Rindo De Quê? – Humor e Ditadura". É também um dos autores da HQ "O Outro Lado da Bola". No feérico "Mundo Novo", ele realizou uma autópsia em corpo vivo de sua cidade. A trama: no aniversário de um ano da pandemia, a advogada Conceição, ou Cons (Tati Villela, um achado), e o grafiteiro Presto (Nino Batista), um casal inter-racial, vão até a casa de Charles (Kadu Garcia), irmão de Presto, para pedir sua assinatura como fiador na

compra financiada do apartamento no Leblon que ancora o sonho de futuro do casal. Mas o pedido se mostra bem mais complexo do que conseguir uma simples assinatura. Igualmente complexa e rica é a narrativa que Alvaro criou. Por isso, ela precisa ser vista na telona, como ele explica a seguir.

**Qual é o Rio de Janeiro que seu filme retrata e que Brasil ele reflete?**

**Alvaro Campos:** Os 2,5 km ou 9 minutos entre Vidigal e Leblon, sob o ponto de vista de quem anda nas duas direções. Isso reflete o Brasil que se move entre periferia e centro, retratando quem de fato dá corpo ao nosso país caótico e plural, e que pode mapear com facilidade a hipocrisia dos privilegiados que insistem em ver as zonas nobres como o todo do país.

**Como foi o processo de criação com o elenco?**

Primeiro se deu online, depois no set, com uma liberdade extrema para o elenco se colocar, sob a atmosfera de quem ninguém ali era professor ou autoridade em nenhum tema, mas de quem está vivendo questões reais. Mais do que dar respostas, a gente queria fazer perguntas sinceras. Da experiência de todos saíram cenas sinceras, e não discursos, que ecoam não só no público mas na gente mesmo. Depois de cada sessão, eu e o elenco ainda debatemos sem parar as cenas. O filme é uma obra aberta até pra gente.

**Por que a demora na estreia e o que ela reflete sobre o lugar do cinema independente no Brasil?**



“Os nove minutos entre Vidigal e Leblon, sob o ponto de vista de quem anda nas duas direções, reflete o Brasil que se move entre a periferia e o centro”

Alvaro Campos

A demora se deu por essa dicotomia maluca se estamos na prática produzindo pras salas de cinema ou pro streaming. Filmes independentes autorais vão para o mundo à procura do seu público, mas a lógica do mercado hoje impõe a criação

endereçada para um consumidor muito bem delimitado por algoritmos. Isso é péssimo para a criatividade, para originalidade, para a experimentação, e acabam por esvaziar e/ou restringir a chegada de filmes não rotuláveis ao cinema, porque aumenta-se ainda mais a aversão ao risco financeiro que a tela de cinema representa. Nesse contexto, é fundamental a regulação que tramita hoje na câmara, não só para garantir o investimento em conteúdo nacional, mas para pactuar que a chegada na sala de cinema continue sendo uma etapa fundamental do processo de exibição.

**Que roteiros você fez desde então e quais estão por vir?**

De "Mundo Novo" pra cá pude escrever a série "Senna", pro Netflix, e a série "Jogo Cruzado", pra Disney/Star+. Em paralelo, escrevi meu próximo longa, "Lídia", que está na fase de captação de recursos.

## CORREIO CULTURAL

## As investigações de Makely Ka

Músico piauiense lança terceiro álbum fechando a trilogia dos Sertões com 'Triste Entrópico', que reflete sobre a sociedade e a nossa identidade brasileira

**V**irtuoso da viola, o instrumentista piauiense Makely Ka lança o álbum "Triste Entrópico" (Kuarup). Neste trabalho em formato digital e físico o artista radicado em Minas Gerais, discute a formação da identidade brasileira.

Makely Ka, nome artístico de Makely Oliveira Soares Gomes, é hoje um dos mais requisitados compositores de sua geração e pode ser ouvido na voz de Lô Borges, Samuel Rosa, Titane, Ná Ozzetti e José Miguel Wisnik entre dezenas de outros intérpretes.

Num momento em que o Brasil se encontra numa encruzilhada, o compositor sentiu a necessidade de retomar uma discussão que já foi mais presente na vida do país em outros momentos e que hoje, talvez, tenha se tornado um tanto anacrônica. "É um trabalho que olha o passado para seguir adiante. Mais de 100 anos passados da Semana de 22, quando ideias plantadas pelo modernismo foram superadas, em que pautas muito mais urgentes se impõem, enquanto tantas outras caducaram, chegamos talvez num ponto sem retorno.

Nos resta a tarefa de lidar com nossos problemas estruturais históricos, com a herança da escravidão que nos marca cotidianamente e tudo o que ela implica", comenta.

O álbum, enfatiza, "é um trabalho que fala das nossas misérias e tristezas, mas também que celebra a vida e os encontros, festeja as pequenas felicidades possíveis, que não se furta à celebração da vida. Encarar a ferida aberta de uma abolição da escravidão no final do Império sem dar condições e direitos



Rosa Antuña/Divulgação

**Com 'Triste Entrópico', Makely Ka fecha trilogia de álbuns com olhar na direção do passado para vislumbrar os dias futuros**

Divulgação



iguais aos ex-escravos e o massacre de Canudos no início da República, dois fatos históricos que marcam o rumo dos acontecimentos e que têm reverberações até os dias de hoje e além".

Uma das faixas, "Os Sertões", como diz o título, é inspirada no clássico livro de Euclides da Cunha (1876-1909), retratando seus personagens, sua geografia e os acontecimentos desse triste episódio. "Eu tento dar conta de uma das obras incontornáveis da literatura brasi-

leira, que é esse monolito chamado 'Os Sertões'", comenta Makely Ka.

"Triste Entrópico" fecha a trilogia dos sertões, trazendo esse olhar para o interior, para dentro do país, para a grande floresta, a terra árida e selvagem, mas também o Sabarabuçu, a terra prometida, o Eldorado. No "Cavalo Motor" (2015), o primeiro disco da trilogia, o diálogo era estabelecido com 'Grande Sertão: Veredas', de João Guimarães Rosa (1908-1967). No trabalho seguinte, "Rio Aberto" (2022), a referência e homenagem é feita aos afluentes do São Francisco, ao Rio Doce e ao Vaza-Barris, no sertão de Canudos. Foi, portanto, um percurso pelos rios, descendo o São Francisco através de seus afluentes, de Minas Gerais até a Bahia.

O artista estabelece nesse percurso várias relações entre essas duas obras monumentais da literatura escrita em língua portuguesa. "São os livros provavelmente mais imprescindíveis, os mais enviesadamente didáticos para compreender o Brasil num nível profundo, do final do século 19 para cá", destaca.

Divulgação



O longa 'Desejo Proibido' será exibido nesta quarta

## Programação especial para casais e solteiros no Queerioca

O espaço Queerioca entra na semana do Dia dos Namorados com uma programação especial com música, artes visuais, teatro, cinema e programação infantil.

Nesta quarta-feira (12) haverá sessão especial do Queerioca Cine que exhibe "Desejo Proibido", clássico filme lésbico dos anos 2000, dirigido por Jane Anderson e Martha

Coolidge.

Na sequência, uma edição especial do Forró LGBT+ da Eliza Rosa, evento que vem lotando a casa todos os sábados, e que vai esquentar o pessoal nesse friozinho de junho. Nos intervalos e ao final do forró, a DJ Marta Supernova segura a pista assumindo as carrapetas com um set especial.

### Acontece

Nem Billie Eilish, ícone pop, se livra das decepções amorosas. Em entrevista ao podcast Miss Me?, a cantora falou sobre ter levado um ghosting, ou seja, sobre ter sido ignorada pelo rapaz com quem estava saindo, e nunca mais o ver.

### Sentiu

Ilana Sales, namorada de Paulo Vieira, não gostou de ver o amado dentro de um caixão - ainda que fosse encenação para a TV. O ator compartilhou o momento nas redes e fez piada da situação: "Eu gravando cena num caixão e a Ilana..."

### Fã queixoso

Em entrevista ao site Variety, o ex-presidente Donald Trump afirmou que a cantora Taylor Swift é linda e que "provavelmente não gosta dele. "Acho também que ela é liberal. Provavelmente ela não gosta do Trump", lamentou.

### Diagnóstico

Preta Gil recebeu o diagnóstico de pielonefrite (infecção no rim) após sentir fortes dores no corpo. Inicialmente, ela acreditava que a dor era muscular. Após uma série de exames, foi confirmada a infecção. A artista ficou internada por quatro dias.

# A música elege seus melhores

Theatro Municipal recebe a 31ª edição do PMB. Tim Maia será o grande homenageado

Divulgação



Tim Maia será o homenageado deste 31º Prêmio da Música Brasileira e terá sua obra revista por vários intérpretes no palco do Theatro Municipal

O Prêmio da Música Brasileira anuncia nesta quarta-feira (12) os vencedores de sua 31ª edição. Além da distribuição de troféus em 32 categorias, grandes nomes da MPB e jovens artistas emergentes farão uma homenagem especial a Tim Maia, o grande homenageado da noite. A cerimônia será transmitida ao vivo pelo Canal Brasil e pelo canal do PMB no YouTube.

Criador e diretor do evento, José Maurício Machline entusiasmou-se com os números desta edição. “O Prêmio da Música Brasileira está, a cada ano, mais diverso, abrangente e atento à música que é criada em todos os cantos do país. Neste ano, atingimos um recorde de mais de 12 mil artistas inscritos, um aumento de 10% em relação ao ano anterior”.

Além da tradicional premiação, em 2024 o PMB cresceu se desdobrando em novas iniciativas. A primeira delas é Casa PMB, que já teve edições na Bahia e Pernambuco, e seguirá por diversas regiões do país, com o objetivo de dar visibilidade a artistas regionais.

O Prêmio da Música Brasileira será apresentado por Regina Casé, que será encarregada de capitanear novidades para a cerimônia, com um formato inspirado em programas de auditório, complementado pela dança e cenografia assinada por Gringo Cardia. A premiação contará ainda com arranjos musicais

de Pretinho da Serrinha.

Os primeiros artistas anunciados para a 31ª edição do PMB são Simone e Ney Matogrosso, que se apresentarão um dueto, interpretando novas versões de dois clássicos de Tim: “Azul da Cor do Mar” e “Primavera”, com arranjos inéditos preparados exclusivamente para a ocasião.

Neste ano, a 31ª edição do Prêmio da Música Brasileira é singular não só pela quantidade de artistas indicados - 88 ao todo nas 32 categorias - mas pela diversidade de origens, gêneros musicais e gerações representadas.

## Rostos emergentes

Entre os novos rostos que emergem nesta edição, encontramos o pernambucano João Gomes, destacando-se na categoria Intérprete de Canção Popular; Ana Castela, cantora sul-mato-grossense duplamente indicada, como Intérprete e por Lançamento Sertanejo com o álbum “Boiadeira Internacional (Ao Vivo)”;

e o paulista Jota.Pê, que faz sua estreia na categoria Intérprete de MPB. Por outro lado, ícones da música brasileira retornam ao Prêmio da Música Brasileira, comprovando a contemporaneidade e relevância crescente de suas obras. Alcione, com 21 troféus e segunda maior vencedora do PMB, é novamente indicada como Melhor Intérprete de Samba. Alceu Valença, que

## OS INDICADOS DA 31ª EDIÇÃO DO PMB

### CANÇÃO POPULAR

**DUPLA:** Maiara & Maraisa (1 prêmio), Os Barões da Pisadinha e Rionegro & Solimões

**GRUPO:** Atitude 67, É o Tchan! e Mastruz com Leite

**INTÉRPRETE - Canção**

**popular:** Edson Cordeiro (4 prêmios), Filipe Toca, Gabriel Sater, João Gomes e Leo Santana

**INTÉRPRETE - Sertanejo:** Ana Castela, Lauana Prado, Paula Fernandes, Roberta Miranda e Simone Mendes

**LANÇAMENTO - Canção**

**popular:** Gabriel Sater - Nos Dias Atuais (Ao Vivo) (Produção: Gabriel Sater, João Gaspar); João Gomes - Raiz (Produção: Top Eventos); e Romero Ferro, Gaby Amarantos - Em Plena Lua de Mel (Produção: MGZD)

**LANÇAMENTO - Sertanejo:** Ana Castela - Boiadeira Internacional (Ao Vivo) (Produção: Eduardo Godoy); Maiara & Maraisa - Ao Vivo em Portugal (1 prêmio) (Produção: Eduardo Pepato); e Roberta Miranda - Desatemos os Nós (Produção: Roberta Miranda) MPB

**GRUPO:** Banda Eddie: Barbatuques (1 prêmio) e Boca Livre (4 prêmios)

**INTÉRPRETE:** Alaíde Costa (1 prêmio), Jards Macalé, Jota.Pê, Rosa Passos e Wanderléa

**LANÇAMENTO:** Jards Macalé - Coração Bifurcado (Produção: Jards Macalé, Romulo Fróes); Rosa Passos, Lula Gavão - Rosa Passos e Lula Galvão (Produção: Rafael Paulista); e Wanderléa - Wanderléa Canta Choros (Produção: Mario Gil, Luiz Nogueira)

**MELHOR CANÇÃO:** Jards Macalé - Mistérios do Nosso Amor (Intérprete: Jards Macalé, Maria Bethânia / Compositor: Jards Macalé, Ronaldo Bastos); Marcelo D2 - Povo de Fé (3 prêmios) (Intérprete: Marcelo D2, Nega Duda / Compositor: Marcelo D2, Luiz Antônio Simas); e Wilson das Neves - Luz do Candeeiro (Intérprete: Áurea Martins / Compositor: Wilson das Neves, Paulo César Pinheiro)

### MÚSICA URBANA

**GRUPO:** Abulidu, Attooxá e Natirutus

**INTÉRPRETE:** Gloria Groove, Iza, Ludmilla, Rincon Sapiência e Sandra de Sá (10 prêmios)

**LANÇAMENTO:** Jonathan Ferr - Liberdade (Produção: Jonathan Ferr); Jorge Aragão, Djonga - Respeita (Produção: Kevin, Jorge Aragão); e Ludmilla - Vilã (Produção: Dallass, Ajaxx, Topo La Maskara, Ariel Donato, Ludmilla,

Rafael Castilhol, DJ Gabriel do Borel, Marcio Arantes, Mars, Rasool Diaz, Zone, Coop The Truth, Galdino, DJ Chris 011, Ape Drums, Tropkillaz)

### POP / ROCK

**GRUPO:** Mombój, Pato Fu e Sophia Chablau e Uma Enorme Perda de Tempo

**INTÉRPRETE:** Alice Caymmi (1 prêmio), Ana Frango Elétrico, Filipe Catto, Marisa Monte (7 prêmios), Zeca Baleiro (8 prêmios)

**LANÇAMENTO:** Ana Frango Elétrico - Me Chama De Gato Que Eu Sou Sua (Produção: Ana Frango Elétrico); Filipe Catto - Belezas São Coisas Acesas por Dentro (Produção: Filipe Catto, Fabio Pincowski); e Mahmundi - Amor Fati (Produção: Mahmundi, Pedro Tiel)

### MÚSICA REGIONAL

**DUPLA:** Chico Amado & Xodó, Joantina e Lourenço & Lourival

**GRUPO:** Boi Bumbá Garantido (1 prêmio), Timbalada (2 prêmios) e Falamansa

**INTÉRPRETE:** Alceu Valença (14 prêmios), Carlinhos Brown (1 prêmio), Lia de Itamaracá, Luiz Caldas e Marcelo Jeneci

**LANÇAMENTO:** Alceu Valença - Meu Querido São João (Ao Vivo na Fundação Progresso) (14 prêmios) (Produção: Tovinho); Lia de Itamaracá - Dorme Pretinho (Produção: Pupillo); e Mestre Damasceno, Nativos Marajoara - Búfalo-Bumbá (Produção: Léo Chermont, Guto Nunes) Revelação: Choro na Rua, Felipe Senna e Gabriele Leite

### SAMBA

**GRUPO:** Encontro das Velhas Guardas, Grupo Revelação e Grupo Semente

**INTÉRPRETE:** Alcione (21 prêmios), Fabiana Cozza (2 prêmios), Martinho da Vila (10 prêmios), Péricles e Xande de Pilares

**LANÇAMENTO:** Marcelo D2 - Iboru (3 prêmios) (Produção: Marcelo D2, Nave, Kiko Dinucci, Mario Caldato Junior); Martinho da Vila - Negra Ópera (10 prêmios) (Produção: Celso Filho, Martinho Antônio, Pretinho da Serrinha); e Xande de Pilares - Xande Canta Caetano (Produção: Pretinho da Serrinha)

### CATEGORIAS ESPECIAIS

#### LANÇAMENTO ELETRÔNICO

**LANÇAMENTO:** Tropkillaz, Sango - Rio de Janeiro (Produção: Tropkillaz); Ubuntu - Água Maravilha (Produção: Ubuntu); e Urias - Her Mind (Produção: Maffalda, Brabo)

### LANÇAMENTO EM LÍNGUA

**ESTRANGEIRA:** Anitta - Funk Generation: A Favela Love Story (Produção: Brabo, Decz, Diplo, DJ Gabriel do Borel, Márcio Arantes, Ilya); Pedro Miranda, Fernando Leitzke e o Candombaile - Candombe Bailador (2 prêmios - Pedro Miranda) (Produção: Luis Filipe de Lima); e Urias - Her Mind (Produção: Maffalda, Brabo)

**LANÇAMENTO ERUDITO:** Orquestra Ouro Preto, Cristian Badu, Maestro Rodrigo Toffolo, Gustavo Carvalho - Orquestra Ouro Preto: Haydn e Mozart. (Produção: Maestro Rodrigo Toffolo); Orquestra Sinfônica Brasileira, Ignacio Garcia Vidal - Três Danças Espanholas (1 prêmio - OSB) (Produção: Nikolay Sapoundjiev); e Orquestra Sinfônica Do Estado De São Paulo - Sinfonia dos Orixás e Pequenos Funerais Cantantes (6 prêmios) (Produção: Ulrich Schneider)

**PROJETO ESPECIAL:** Chico César, Geraldo Azevedo - Violivoz (Ao Vivo) (6 prêmios - Chico César) (Produção: Chico César, Geraldo Azevedo); João Gilberto - Relicário: João Gilberto (Ao Vivo no Sesc 1998) (Produção: Sesc São Paulo); e Wilson das Neves - Senzala e Favela (4 prêmios) (Produção: Jorge Helder, Kassin)

**MÚSICA INSTRUMENTAL**  
**GRUPO:** Banda Tributo Waldir Azevedo, Choro na Ribeira e Choro na Rua  
**SOLISTA:** Antonio Adolfo (2 prêmios), Armandinho Macedo, Hamilton de Holanda (12 prêmios), Romero Lubambo e Yamandu Costa (10 prêmios)  
**LANÇAMENTO:** Chico Pinheiro, Romero Lubambo - Two Brothers (Produção: Matt Pierson); Choro na Rua - Obrigado Zé da Velha (Produção: Alexandre Maionese, Henrique Cazes, Rogério Caetano, Silvério Pontes, Diego do Valle); Yamandu Costa, Armandinho Macedo - Encontro das Águas (10 prêmios - Yamandu Costa) (Produção: Yamandu Costa, João Falcão Neto)

**PROJETO AUDIOVISUAL**  
Caetano Veloso - The Man I Love (19 prêmios) (Direção: Felipe Lion, Luqueta) Marcelo D2 - Iboru (Direção: Marcelo D2, Luiza Machado) (3 prêmios); Martinho da Vila, Chico César - Acender as Velas (10 prêmios - Martinho da Vila) (6 prêmios - Chico César) (Direção: Philippe Rios); Rubel, Bala Desejo - Toda Beleza (1 prêmio - Bala Desejo) (Direção: TOMAT); e Rubel, MC Carol, BK, DJ Gabriel do Borel - Put@ria! (Direção: Belle de Melo)

acumula 10 troféus, retorna com indicações nas categorias Intérprete e Lançamento em Música Regional com o álbum “Meu Querido São João (ao vivo na Fundação Progresso)”.

Na edição de 2024, destacam-se também Marcelo D2 e Jards Macalé, com três indicações cada. D2, três vezes vencedor do PMB, é agora indicado como Melhor Canção de

MPB com “Povo de Fé”, Melhor Lançamento de Samba e em Projeto Audiovisual com “Iboru”. Aos 81 anos, Jards Macalé pode conquistar seu primeiro Prêmio da Música Brasileira, nomeado nas categorias de MPB como Intérprete, Melhor Lançamento com “Coração Bifurcado”, e Melhor Canção por “Mistérios do Nosso Amor”.

# Um manifesto vivo contra a intolerância

Rayane Mainara/Divulgação

Espectáculo multipremiado '3 maneiras de Tocar no Assunto' volta a cartaz no estado percorrendo cinco palcos do circuito Sesc

**U**m tema, três solos curtos: o espetáculo "3 Maneiras de Tocar no Assunto" aborda a homofobia na sociedade moderna, sendo um manifesto artístico contra as intolerâncias e a favor de toda a diversidade. Com dramaturgia e atuação de Leonardo Netto e direção de Dadado de Freitas, a peça já foi assistida por mais de 15 mil espectadores e está iniciando um novo circuito no estado, desta vez nos palcos do Sesc RJ na capital e interior. As primeiras apresentações acontecem nesta sexta e sábado (14 e 15) nos teatros do Sesc em Ramos e Madureira, respectivamente.

"3 Maneiras de Tocar no Assunto" reúne três solos que colocam em pauta questões sobre homossexualidade, preconceito contra o homossexual e a comunidade LGBTI+ em geral. Os textos fazem uma interlocução direta com o público: o que há, afinal, de tão incômodo, maléfico e repugnante na homossexualidade? Por que, através dos tempos, ela teve sempre de ser punida? Por que a orientação sexual de uma pessoa pode a transformar num cidadão de segunda classe, com menos



**Dirigido por Dadado de Freitas, Leonardo Netto atua em três solos que colocam em pauta questões sobre homossexualidade e preconceito contra a comunidade LGBTI+**

direitos que o resto da população? A montagem foi vencedora dos prêmios Cesgranrio (Melhor Texto Nacional Inédito, Ator e Categoria Especial, pela direção de movimento de Marcia Rubin), APTR-RJ (Melhor Autor e Iluminação) e Cenym de Teatro Nacional (Melhor Monólogo), acumulando quase 20 indicações em premiações.

No primeiro solo, "O Homem de Uniforme Escolar", o público assiste a uma aula de bullying homofóbico: o que é, como praticar e quais as suas consequências físicas e emocionais? São histórias reais de crianças e jovens que sofreram com o preconceito e a intolerância na escola. Na sequência, "O homem com a pedra na mão" parte do depoimento ficcional de um dos participantes da Revolta de

Stonewall, ocorrida em junho de 1969 em Nova York, um marco fundamental da luta pelos direitos da comunidade LGBTI+. Uma descrição minuciosa da noite em que os frequentadores (gays, lésbicas, travestis, drag queens) do bar Stonewall Inn reagiram, pela primeira vez, a mais uma batida policial no local. O último solo, "O homem no Congresso Nacional", foi construído a partir de falas e pronunciamentos do ex-deputado federal Jean Wyllys, proferidos entre janeiro de 2011 e dezembro de 2018. Para criar o texto, Leonardo assistiu e transcreveu discursos, falas, entrevistas e declarações do parlamentar e, cuidadosamente, criou o depoimento de um deputado gay e ativista na tribuna da Câmara.

Contemplada pelo Edital de

Cultura Sesc RJ Pulsar, a turnê do espetáculo "3 Maneiras de Tocar no Assunto" percorrerá cinco teatros do Sesc no estado. Após iniciar o circuito em junho pela capital, nas Unidades Ramos e Madureira, no decorrer do ano serão realizadas apresentações nas cidades Campos dos Goytacazes (19/7), Teresópolis (3/8) e Nova Iguaçu (25/10).

"3 Maneiras de Tocar no Assunto" estreou em 2019 no Rio de Janeiro, com uma temporada de três meses no Teatro Poeirinha e, em 2020, entrou em cartaz em São Paulo, no Sesc Ipiranga. Após a pandemia, o espetáculo retomou a estrada com sessões lotadas no Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto, no Festival Palco Giratório em Porto Alegre e na programação do Galpão Cine Horto, em Belo

Horizonte, convidado pelo Grupo Galpão. Entre 2022 e 2023, a peça foi realizada em mais 10 teatros da capital carioca, transitando por diversos bairros, além de apresentações na região metropolitana e no interior do RJ. Atualmente em turnê, em 2024 já percorreu 5 estados do nordeste e parte para 6 estados do norte do Brasil, entre outros circuitos.

## SERVIÇO

TRÊS MANEIRAS DE TOCAR NO ASSUNTO

14/6, às 19h, no Sesc Ramos (Rua Teixeira Franco, 38)

15/6, às 16h, no Sesc

Madureira (Rua Ewbank da Câmara, 90)

Ingressos: R\$ 10, R\$ 5 (meia), gratuito (associados Sesc e PCG)

# 'Minha prioridade é preto e favelado na tela'

Criador da série 'O Jogo que Mudou a História', José Júnior diz que se inspirou em histórias que ouviu em presídios e favelas

Por Leonardo Volpato (Folhapress)

O primeiro episódio de "O Jogo que Mudou a História", série que chega ao Globoplay nesta quinta-feira (13), tem cenas tão fortes de violência e sexo que surge a dúvida: será que as pessoas mais sensíveis terão coragem de assistir? A resposta é uma incógnita para o criador e produtor José Júnior, líder do AfroReggae e responsável pela narrativa.

Segundo ele, o intuito é impactar pela verossimilhança: "Minhas referências foram as histórias que ouvi nos presídios e nas favelas nos últimos 30 anos", diz em entrevista. "Sei de histórias que não estão no Google e por isso a trama vai impactar quem assistir."

A trama aborda como o crime organizado surgiu no Rio na década de 1970 e esmiúça a rivalidade entre duas facções. Após um jogo de futebol na prisão, essa briga toma proporções estratosféricas. As consequências do embate acabam influenciando a rotina de favelas que antes conviviam em harmonia, mas que passam a ficar nas mãos de criminosos.

O elenco tem nomes como Babu Santana, Jonathan Azevedo e Ravel Andrade, mas também

atores ainda pouco conhecidos como Pedro Wagner, Fabrício Assis e Samuel Melo. Nos bastidores, egressos do crime trabalharam como motoristas.

"Eu poderia escolher rostos famosos, mas eu trabalho com alma e verdade", destaca Júnior. "E outra: minha prioridade é preto e favelado na tela, do contrário eu seria do 'BrancoReggae.'" Confira abaixo os principais trechos da entrevista.

## ABORDAGEM DA SÉRIE

"O Rio tem mais de 1.000 áreas conflagradas, duas dezenas de grupos armados por território. E a série fala sobre a pedra fundamental de como surgiram essas facções no final da década de 1970. Abordamos o surgimento da primeira grande guerra entre duas delas, a Falange Vermelha e o Terceiro Comando, num embate que durou 25 anos e começou após uma partida de futebol em 1983."

## INSPIRAÇÕES

"Esse projeto traz conteúdo real com pouca liberdade poética. Uma narrativa que mostra o ponto de vista do preso, do bandido, do morador da favela, do agente penitenciário. Não li livro nenhum, não vi filme, minhas referências foram as histórias que ouvi nos presídios e



Divulgação

**José Júnior, do AfroReggae, idealizou a série que estreia nesta quinta-feira (13) no Globoplay**

nas favelas nos últimos 30 anos. Sei de histórias impactantes que não estão no Google e por isso a trama vai impactar quem assistir."

## APORTE FINANCEIRO

"O Globoplay fez um aporte bastante grande para a série para que houvesse o máximo de verossimilhança nas situações. Fizemos reconstrução em 3D da parte externa do presídio de Cândido Mendes, em Ilha Grande, que já havia sido implodido."

## DIVERSIDADE NA TELA

"Temos 12 protagonistas na série e 61% do elenco é preto. Gravamos em várias favelas reais, nada de estúdio. As filmagens aconteceram em Vigário Geral, Parada de Lucas, Dique, Parque Analândia, Rocinha e Complexo da Pedreira. Já a trilha sonora foi customizada. Tem muito samba, samba rock, funk, uma pegada preta e nordestina. O 'Jogo' é uma série de sotaques, há atores paraibanos, mineiros, pernambucanos, gente com pronúncia americana. Geralmente pedem para sufocar

os sotaques, mas eu quis que eles aparecessem."

## ROSTOS NOVOS

"Por fazer série do Grupo Globo, eu poderia escolher rostos famosos, mas eu trabalho com alma e verdade. Quero ter esse legado de lançar rostos novos. O Pedro Wagner é, para mim, um dos dez atores mais fodos do Brasil. E se ninguém deu oportunidade a ele antes, desculpe, foda-se, eu dei e ele me entregou mais do que eu esperava. E outra: Minha prioridade é preto e favelado na tela, do contrário eu seria do 'BrancoReggae'. Ano que vem, por exemplo, lançarei 'Verônica', série de uma advogada negra feita pela Roberta Rodrigues."

## MUDANÇAS NO ELENCO

"O Matheus Nachtergaele faria personagens gêmeos e o perdemos, pois ele não conseguiu conciliar com outro trabalho. Mas foi ele quem me ajudou a escolher quem faria o personagem. Assim, chegamos no Jailson Silva [no papel de Belmiro, irmão do líder comunitário Amarildo, de Pedro Wagner]. Eu já crio o papel e sei quem o fará. Para o Jonathan Azevedo, por exemplo, eu cheguei oferecendo o papel do traficante carismático Gil-

sinho. Sabia que ele não queria mais fazer criminoso, mas ele chegou em mim e disse: 'Agora eu farei 'O' bandido.' Porque não é o estereótipo do bandido convencional, é humanizado com olhar diferenciado."

## DESAFIOS

"Todo mundo tem uma opinião e acha que sabe tudo sobre segurança pública no Rio, então o mais complexo foi direcionar esses 12 protagonistas de modo que eles conseguissem conduzir a trama fugindo dos clichês. Considero meu mérito saber enxergar o ator certo para cada história."

## PRESÍDIOS REAIS

"Outro dado é que gravamos em dois presídios reais: um deles foi o Bangu 1, que continua ativo e em evidência, e o outro foi o Complexo Frei Caneca, já desativado. Havia uma tensão sentida pelos atores ao gravar no Frei Caneca devido à energia do local, que continua muito pesada."

## CENAS ESCURAS

"Cadeia é um lugar escuro por natureza, eu não podia fazer cenas mais claras. Meus diretores de fotografia e de arte foram até Bangu ver de perto os ambientes, e o que queríamos era retratar a realidade."

## RESPEITO EM FAVELAS

"A gente gravou em áreas tidas como violentas, mas, por incrível que pareça, não tinha tensão em favelas. Só sentimos carinho, respeito e afeto. Às vezes, temos impressão ruim das periferias. Mas um dado que considero é que o bairro de Copacabana, na zona sul carioca, tem mais homicídios do que em muitas comunidades. O 'Jogo' é minha quarta série e nunca tivemos uma única ocorrência dentro de favelas."

## PAPEL DO AFROREGGAE

"O AfroReggae faz mediação de conflitos há 31 anos e circula em qualquer lugar. Temos atores nessa série que moram até hoje em favelas. Ninguém tirou mais pessoas do narcotráfico e da milícia do que a ONG. Tiramos milhares de crianças do crime, sem contar o projeto Segunda Chance, dirigido à volta ao trabalho dessas pessoas."

Flavio Colker/Divulgação



Não por acaso, todos os movimentos de 'Sagração' terminam com um corpo se debatendo numa rede

# Na tangente da dança moderna

Deborah Colker questiona o primitivismo e o ideal de progresso em 'Sagração'

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

**R**astejando, 15 bailarinos entram em cena, sob uma luz vermelha pau-brasil, e estabelecem os primeiros movimentos de "Sagração", o novo espetáculo da Companhia Deborah Colker, que inicia turnê nacional a partir desta semana em São Paulo. O trabalho de chão ali desenvolvido, adverte a coreógrafa, em nada se assemelha à dança moderna, cujos preceitos resgataram os bailarinos do ar e os devolveram ao solo, numa busca expressionista. Há três décadas à frente do grupo, Colker tem uma atitude pragmática diante da tradição europeia.

Seu trabalho não se encerra nos códigos de outrora, embora a representação do Brasil contemporâneo só se realize num exercício de alteridade. A artista criou uma nova encenação para "A Sagração

da Primavera", de Igor Stravinsky, uma deflagração do presente, em que a humanidade, a despeito do progresso capitalista, está posta em xeque pela crise climática. Por isso, Colker investiga o que é ser primitivo, quando a cultura ocidental se desfaz em ruínas.

"Stravinsky fez uma bagunça grande no mundo, e eu senti que precisava fazer também." Não é absurda a ideia de alcançar os dilemas do Brasil, numa contraposição à Rússia antiga. O próprio modernismo instituiu um ambiente de trocas musicais entre os dois países. Viajando pela Europa, Heitor Villa-Lobos se encantou pelo primitivismo russo de Igor Stravinsky, que foi uma influência para algumas de suas composições, como os "Choros".

Musicalmente, "Sagração" retoma as correspondências entre os dois países, agora sem a mediação de Villa-Lobos, o homem branco.



Flavio Colker/Divulgação

O diretor musical Alexandre Elias insere o som da floresta e de instrumentos musicais indígenas, como flautas, tambores e chocalhos, sobre a gravação da obra original.

O balé original seguia o esquema da partitura, dividida em duas partes -- "Adoração da Terra" e "O Sacrifício" -, contando a história de uma virgem que dança até a sua morte, numa oferenda ao deus Sol. Colker rompe a proposta original e não encena o sacrifício. "A própria evolução civilizatória é um sacrifício", ela afirma.

Nesse sentido, Colker afasta narrativas, mas indica um cami-

nho dramaturgicamente. Seu espetáculo mostra a evolução do homem. Na primeira parte, ela dilui as nacionalidades, nesse jogo entre Rússia pagã e o passado brasileiro. O que importa é o bicho homem. Vestindo collants, eles se apresentam como bactérias, quase lesmas, articulando braços e pernas contra o ar.

Pouco a pouco, os bailarinos se tornam bípedes e empunham, cada um deles, varas de bambu, medindo quatro metros de altura. O material, afirma a coreógrafa, enverga, mas não quebra, como o Brasil. Os bailarinos representam, então, os

nativos.

Toda a sequência do espetáculo se desenvolve sob uma perspectiva circular, bem ao modo dos rituais indígenas. Em um dado momento, um dos artistas fica dependurado em quatro varas, com a cabeça rente ao palco, enquanto cinco homens rodam o seu corpo, que está ao centro. O homem parece estar prestes a ser devorado, numa referência à antropofagia, chave do processo criativo pragmático.

"Temos em comum o hábito dos rituais e a consciência da força da natureza", diz ela, descendente de bielorrussos. Colker deglute a herança do compositor, que aliou erudição à riqueza folclórica de seu país, para questionar o conceito de primitivismo.

O trabalho da artista se integra ao contexto em que o Ocidente se abre à sabedoria ancestral. O novo espetáculo da companhia flerta com a teoria do perspectivismo ameríndio, de Eduardo Viveiros de Castro. Diante do mundo contemporâneo, o antropólogo defende a existência do pensamento indígena, e Colker, ao seu turno, se dispõe a aprender a viver em comunhão com humanos e não humanos. Entre secas históricas e enchentes destruidoras, "Sagração" é um espetáculo urgente, em um mundo de urgências.

No que se restringe "A Sagração", a crítica ao conceito de primitivismo se alia ao questionamento do ideal de progresso, forjado pelo tecnocapitalismo. Tal indagação não se faz presente apenas na derubada violenta dos bambus, mas nessa forma circular adotada pelos bailarinos, que se reitera na coreografia, numa sequência de rituais.

Não por acaso, todos os movimentos de "Sagração" terminam com um corpo se debatendo numa rede. O símbolo do modernismo, mediador das musicalidades à primeira vista distantes, mostra que a nossa realidade é também disfuncional. O brasileiro, a exemplo toda a humanidade, se contorce, enredado, sem saber se um dia haverá salvação.

"A rede traz a ideia de sonhar. Só o sonho pode modificar a realidade", diz Colker.